



ORACULA 5.9 (2009)
ISSN: 1807-8222

“QUE EFRAIM COLOQUE O SINAL...” Messianismo catastrófico e as origens do cristianismo

Francisco Chagas Vieira Lima Júnior*

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apontar a precedência do chamado “messianismo catastrófico” em relação às tradições cristãs, enfatizando que a crença no messias filho de José/Efraim possui antiguidade pré-cristã e que não se trata de uma concepção messiânica derivada do cristianismo. Desse modo, enfatiza que o imaginário messiânico judaico da época de Jesus comportava três modelos distintos de messias, sendo um deles o modelo do messias efraimita-sofredor/redentor, e que o mesmo pode ter influenciado a formação da imagem de Jesus no cristianismo primitivo.

Palavras-chave: Messianismo efraimita; Jesus de Nazaré; Revelação de Gabriel.

Abstract

This work aims to point out the precedence of the so-called “catastrophic Messianism” relating to Christian traditions, emphasizing that the belief in Messiah son of Joseph/Ephraim has pre-Christian antiquity and that it is not a messianic conception derived of the Christianity. Thus, stresses that the Messianic Jewish imagery of Jesus times had three distinct models of Messiah, one being the model of Ephraimite Messiah–sufferer/redeemer, and that it may have influenced the formation of the image of Jesus in early Christianity.

Keywords: Ephraimite Messianism; Jesus of Nazareth; Revelation of Gabriel.

* Graduando de Licenciatura em História Licenciatura pelo Centro de Estudos Superiores de Imperatriz (UEMA/CESI), 8º período. Endereço eletrônico: jrcoffer@hotmail.com.

Introdução

Acreditava-se, até recentemente, que os judeus da Palestina judaica da época de Jesus concebiam a vinda de um só messias, o messias “filho de Davi”, que restauraria a realeza¹. No entanto, novas leituras dos Manuscritos do Mar Morto, bem como outros textos apocalípticos anteriores a Jesus, revelam a existência de um segundo modelo messiânico, a figura do messias levítico e sacerdotal, diferente do messias davídico e que também retornaria em um futuro escatológico. Já textos rabínicos, como o Talmude babilônico Sukka, fazem alusão a um terceiro modelo de messias – o messias “filho de José”, ou “messias efraimita”. Esse modelo tem por base bíblica a figura de José, o patriarca, uma figura de destaque no livro bíblico de Gênesis, o qual prefigurava a vitória daqueles que depositavam a fé em Deus mesmo em meio a sofrimentos, injustiças e traições – sendo este seu aspecto mais marcante. José teve um filho, chamado Efraim, que foi seu primogênito. É dele que descendem praticamente todos os samaritanos que existiam na época de Jesus.

De acordo com textos rabínicos, a missão do messias filho de José seria morrer para que Israel pudesse ser salva, precedendo assim a vinda do messias filho de Davi, que o ressuscitaria em seguida. No entanto, a relação entre esse “terceiro modelo” de messias com o cristianismo não foi muito explorada pelos estudiosos, sendo deixada de lado pelo mundo acadêmico pelo fato de que se trata de um modelo que só aparece na literatura judaica posterior, já na época em que os judeus haviam sido expulsos da Palestina muito depois do cristianismo ter si consolidado.

Recentemente, porém, novas descobertas – e com elas novas interpretações sobre o imaginário judaico-cristão primitivo – têm mudado essa visão. Mediante essas descobertas, os pesquisadores se tornaram cada vez mais dispostos a conceberem o messianismo judaico da época de Jesus como pluriforme e variado, existindo não só uma ou duas, mas inúmeras concepções sobre o messias.

O presente trabalho traz alguns apontamentos o chamado “messianismo catastrófico”, sua antiguidade e sua relação com as tradições cristãs. Esperamos contribuir também para apagar os mitos de que os judeus do primeiro século não foram capazes de

conceber um messias que morre e que a concepção messiânica na época de Jesus era homogênea.

Repensando o messianismo

Não foram poucos os estudiosos que alegaram que a idéia de um messias sofredor, cujo destino era ser humilhado e assassinado, era uma idéia estranha às tradições messiânicas existentes na Palestina judaica do século I d.C. Bart Ehrman², por exemplo, afirmou que:

Anteriormente ao cristianismo nenhum judeu pensava que o Messias deveria ser crucificado. O Messias devia ser um grande guerreiro, um grande rei ou um grande juiz. Tinha que ser uma figura de grandeza e poder, não alguém esmagado como um mosquito pelos inimigos (tradução nossa).

Burton Mack também endossa essa visão: “Essa idéia [da morte de Jesus] não pode ser explicada com base nas antigas tradições judaicas e/ou israelitas, pois a própria idéia de sacrifício humano vicário para essas culturas era um anátema”.³

Rudolf Bultmann talvez tenha sido o estudioso que mais contribuiu para a disseminação dessa visão: “a idéia de um Messias, ou filho do Homem, sofredor, morrendo e ressuscitando era desconhecida no judaísmo”.⁴

Geza Vermes⁵, por sua vez, não deixa dúvidas de que o modelo de messias que morre é posterior à escrita dos Evangelhos bíblicos:

[...] a representação do Messias assassinado da tribo de Efraim, ocasionalmente mencionado na literatura rabínica [...] é de pouca valia para o estudo dos Sinóticos. [...] Como nenhum texto fale do Messias assassinado é anterior à segunda revolta judaica contra Roma durante o reino de Adriano (132-5 d.C.), é provável que a figura tenha sido moldada a partir do líder derrotado daquela

² CRAIG, William Lane; EHRMAN Bart D. *Is there historical evidence for the resurrection of Jesus? A Debate between William Lane Craig and Bart D. Ehrman.* March 28, 2006. Disponível em <http://www.holycross.edu/departments/crec/website/resurrection-debate-transcript.pdf> (Acesso em 15 de agosto de 2008).

³ MACK, Burton L. *O evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs.* Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 208.

⁴ *Apud*, KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus.* Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2001, p. 16.

⁵ VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus.* Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 215.

rebelião, Simon bar Kosiba, que foi morto na batalha de Betar em 135 d.C. Assim, ele não se qualifica cronologicamente como modelo potencial para o Messias dos Evangelhos.

Com frequência a literatura rabínica faz menção a um messias chamado “Messias ben Efraim”, também chamada de “Filho de José” ou “Filho de Efraim”, que deveria morrer para salvar Israel. O Talmude Babilônico, Sukka 52a, que geralmente é concebido como a primeira referência ao messias filho de José na literatura rabínica, traz o seguinte texto:

“E a terra pranteará, família por família à parte. A família da casa de Davi à parte e suas mulheres à parte” (Zc 12:12). [...] Qual é a causa do luto? Rabi Dosa e os rabinos diferem. Um diz: “É por causa do Messias ben José que foi assassinado”; [...] por isso é que está escrito: *“e eles olharão para mim. Quanto àquele que eles transpassaram, eles o lamentarão como se fosse a lamentação de um filho único; eles o chorarão como se chora um primogênito (Zc 12,10) [...] Nossos rabis nos ensinaram: O Santo, Bendito seja Ele, dirá ao Messias filho de Davi (que ele possa se revelar o mais breve possível em nossos dias!): “Peça-me qualquer coisa e eu lhe darei” (Salmos 2) [...] Mas quando ele perceber conta de que o Messias Filho de José está morto, ele dirá: “Senhor do universo, peço de você somente o dom da vida” (tradução nossa).⁶*

No entanto, a escritura do Talmude só começou nos séculos posteriores ao cristianismo e, portanto, conforme o exposto por Geza Vermes, o Messias Filho de José pode ser uma invenção judaica criada a partir de Jesus competir para o cristianismo.

Em todo o caso, a figura messiânica efraimita se tornou mais forte e constante no folclore judaico depois do Talmude, principalmente na Idade Medieval, onde tal lenda culminou no livro apocalíptico escrito na Idade Medieval chamado “Sefer Zorobabel” (Apocalipse de Zerubabel), que apresenta o messias filho de José de modo similar a Jesus e as duas testemunhas de Apocalipse 11.⁷

⁶ MITCHELL, David C. Rabbi dosa and the rabbis differ: Messiah ben Joseph in the Babylonian Talmud. In: AVERY-PECK, Alan J. (ed.). *The review of Rabbinic Judaism. ancient, medieval and modern*. Vol. 9. Leiden: Koninklijke Brill, 2006, pp. 77, 83.

⁷ SCARDELAI, Donizete. *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros messias*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 78.

Em todo caso, tal modelo de messias era concebido pelos estudiosos como bastante tardio para ser capaz de trazer alguma contribuição aos estudos sobre o cristianismo primitivo, e foram muitos os especialistas que viram na figura messiânica de Efraim, ou Messias filho de José, uma “cópia” deliberada da figura messiânica de Jesus apresentada nos Evangelhos, e por isso não lhe deram crédito e muito menos antiguidade.

Recentemente, contudo, foi apresentado ao público um texto datado da virada do primeiro século antes de Cristo que faz alusão ao messias filho de José – a primeira alusão anterior à literatura rabínica. Esse texto, escrito em pedra, foi chamado de “Revelação de Gabriel”, visto ser o anjo Gabriel aquele que narra as revelações. Esse texto se encontra parcialmente corrompido pela ação do tempo e muitas partes estão ilegíveis. No entanto, decifradores conseguiram traduzir boa parte de seu conteúdo, que trouxe algumas revelações que podem mudar algumas de nossas concepções sobre as origens cristãs. Esse texto trás o primeiro indício antigo do modelo até então desconhecido de messianismo, o chamado “Messianismo Catastrófico”, o qual concebe a morte do messias como requisito indispensável para a salvação do povo.

Antecedentes históricos do “messianismo catastrófico”

A crença no messias na época de Jesus foi basicamente inspirada sob o ideal monárquico de Davi, segundo rei da história de Israel, de acordo com a Bíblia. Tendo como Davi seu modelo, os judeus da época de Jesus esperavam que o futuro messias realizasse atos tão grandiosos quanto esse rei, destruindo o império estrangeiro e opressor (o Império Romano) e reunificando a nação israelita, cujas doze tribos se encontravam espalhadas pela face da terra.

No entanto, como ressalta Scardelai⁸: “O caráter da doutrina messiânica no tempo de Jesus é marcado pela fluidez e espontaneidade, além da quase total ausência de princípios doutrinários cristalizados”. Em outras palavras, não se deve esperar que o messianismo paletino-judaico do primeiro século apareça com uma só forma.

O messias sacerdotal

Um dos grupos que nutriam idéias messiânicas diferentes nos primeiros séculos da Era Cristã foi a comunidade de Qumran. Os membros dessa comunidade esperavam a

⁸ SCARDELA, *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus*, p. 120.

vinda de dois messias escatológicos específicos e um profeta anunciante, que viriam trazer a redenção de Israel e de seu grupo:

[...] nos Manuscritos do Mar Morto encontramos uma comunidade religiosa extremamente devota, habitualmente identificada com os essênios, que esperavam a vinda de três personagens – um *profeta*, como Moisés, e os *messias* de Aarão e de Israel. O “Messias de Israel” é claramente da linhagem de Davi, mas o “Messias de Aarão” se refere a uma figura sacerdotal – *também* chamada de messias.⁹

De acordo com Tabor¹⁰, “essa visão ideal dos dois Messias tornou-se um modelo para muitos grupos judaicos orientados para o pensamento apocalíptico nos séculos II e I a.C.”. Nesta época, os ideais de messias – aquele que irá livrar Israel das nações estrangeiras – estavam adquirindo forma dentro da literatura e especialmente dentro da tradição oral e popular. Essa visão dos dois messias pode ser mais claramente visualizada nos Testamentos dos Doze Patriarcas, que data do século II a.C. Nesses escritos, há uma distinção entre dois messias, sendo que um, o *messias-sacerdote* estaria hierarquicamente acima do *messias-rei*: “Portanto, meus filhinhos, obedecei a *Levi* e *Judá*! Não vos insurjais nunca contra esses *dois troncos*! Deles vos advirá a salvação de Deus, pois eis que Deus suscitará de Levi um Grande Sacerdote, e de Judá um Rei”.¹¹

Tão prontamente os estudiosos tiveram acesso a esses escritos, foram capazes de identificar interpolações forjadas pela pena de cristãos posteriores, que tentaram adequar essas duas figuras de dois modos: ou a) fundiam as figuras do messias-sacerdote à do messias-rei em Jesus Cristo, ou b) tentavam enquadrar essas duas figuras messiânicas em Jesus e João Batista. As duas propostas foram amplamente aceitas e usadas das mais diversas formas no cristianismo primitivo. É bastante provável que o Evangelho de Lucas, ao afirmar que João Batista pertencia a tribo de Levi – a tribo de sacerdotes – quisesse enquadrar João Batista no modelo de messias sacerdotal. O fato de o autor lucano ligar Jesus a João Batista por laço de sangue (eram “primos”) realça o papel de ambos como duas contrapartes messiânicas.

⁹ TABOR, James D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 72.

¹⁰ TABOR, *A dinastia de Jesus*, p. 163.

¹¹ O Testamento de Simeão, 7. In: PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 341.

Segundo a Bíblia, Aarão, da tribo de Levi, casou-se com uma princesa da tribo de Judá chamada *Isabel* (Êxodo 6.23). Isabel também é o nome da mãe de João Batista, de acordo com o Evangelho de Lucas 1.41ss. O próprio pai de João Batista era sacerdote: “*Existiu no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias; sua mulher era das filhas de Aarão, e o seu nome era Isabel*” (Lucas 1.5). Isso significa que, segundo essa concepção lendária, tanto o pai como a mãe de João Batista eram da estirpe sacerdotal de Levi e, por isso, João Batista poderia ser associado ao modelo de “messias sacerdotal de Levi”.

Outras tradições, como a do Evangelho de João, rechaçam por completo tais associações, chegando a afirmar que João Batista não conhecia Jesus (João 1.31,33), e fazendo João Batista falar explicitamente que não era messias (João 1.20). Algumas tradições mesclavam a idéia de um messias sacerdotal a Jesus, como é o caso da Epístola aos Hebreus (7.14), que teve que enfrentar o problema de Jesus não ser da linhagem sacerdotal de Levi: “É bem conhecido, de fato, que nosso Senhor [Jesus] surgiu de Judá, tribo a respeito da qual Moisés nada diz quando se trata de sacerdotes”. O autor de Hebreus 7.3, porém supera esse problema, ao afirmar que Jesus era sacerdote *não* “segundo a ordem levítica de Aarão”, *mas* “segundo a ordem de Melquisedeque”: Portanto, se fora atingida pelo sacerdócio levítico – pois é nele que se apóia a Lei dada ao povo – que necessidade haveria de outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e não “segundo a ordem de Aarão”? (Hebreus 7.11).

Adriano Filho¹² comenta sobre essa tendência da seguinte forma:

Havia, portanto, modelos possíveis na tradição do judaísmo que foram utilizados na descrição de Jesus como sumo sacerdote, principalmente na cristologia de Hebreus. A apresentação que feita de Jesus como sumo sacerdote é singular, mas não foi criada *ex nihilo* e, embora se desenvolva numa direção específica, deriva da tradição cristã baseada numa complexa herança judaica. Nenhum outro texto do Novo Testamento elabora uma cristologia sumo sacerdotal como Hebreus, mas é também certo que as duas maiores funções sumo sacerdotais atribuídas a Jesus, a intercessão e o auto-sacrifício, são atestadas em outros textos cristãos primitivos (Rm 8,34; Mc 10,45) e, pelo

¹² ADRIANO FILHO, José. Expectativas messiânicas sacerdotais no judaísmo e as origens da cristologia. In: *Oracula* 1.1 (2005): 2.

menos em um texto, Jesus é descrito como um personagem celestial com roupas sacerdotais (Ap 1,13).

Também existiam outros modelos de personagens bíblicos que serviriam para formar outros e diferentes tipos de messias naquela época a serem assimilados por diversos grupos – inclusive o cristianismo.

O messias de Efraim

Um desses modelos seria o do “servo sofredor”, tal como apresentada no texto do profeta Isaías (53.3-5) que o retrata como justo, manso e humilde:

Era desprezado e abandonado pelos os homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. [...] Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados.

Flusser¹³, erroneamente, afirma que a idéia do messias como o “servo sofredor” de Isaías foi exclusiva do cristianismo:

[...] a exegese cristã privilegiou o significado vicário do sofrimento de Jesus, à luz da figura do “servo”, retratado por Isaías, uma abordagem rejeitada pelo judaísmo normativo. A exegese judaica não aplica a imagem do “servo de Isaías” às qualificações pessoais messiânicas, exceto se aí estiver presente a figura do próprio Israel coletivo, o “servo de Deus” por excelência. (p. 299).

No entanto, essa visão é equivocada. Knohl¹⁴ afirma que: “[...] a interpretação messiânica de Isaías 53 [sobre o “servo sofredor”] não foi descoberta na igreja cristã. Ela já havia sido desenvolvida pelo Messias de Qumran”.

¹³ *Apud* SCARDELAI, *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus*, p. 67.

¹⁴ KNOHL, *O Messias antes de Jesus*, p. 38.

O movimento de Qumran, de acordo com Knohl¹⁵, já trazia a idéia de que o messias iria padecer, mas que também seria glorificado, que consta nos “Hinos Messiânicos dos Manuscritos do Mar Morto”:

[Quem] foi desprezado como [eu? E quem] foi rejeitado [pelos homens] como eu? Quem, como eu, suport[ou todas as] aflições? Quem se compara a mim [na resist]ência do mal? [...] [Q]uem foi considerado desprezível como eu e, no entanto, quem é igual a mim em minha glória?

Tendo essa idéia sido explorada, juntamente com a do messias levítico, antes mesmo do cristianismo vir a existir, é lógico conceber que vários movimentos messiânicos e apocalípticos dos primeiros séculos compartilhavam dessas mesmas crenças.

De acordo com Mitchell¹⁶, esse modelo de “servo sofredor” foi o principal inspirador de um tipo de messianismo diferente do messianismo real e sacerdotal, e que podemos encontrar indícios da existência da crença nesse messias nos Manuscritos de Qumran. Esse modelo foi chamado de “messianismo efraimita-josefita”, ou “Messias filho de Efraim/José”.

Para provar a existência desse messias, Mitchell¹⁷ compara as afirmações do Talmude Sukka 52b, que faz menção a quatro personagens escatológicos, chamados de “Os Quarto Artesãos”, com o manuscrito de Qumran de 4Q175 (4QTestimonia), uma antologia messiânica e coleção de textos bíblicos fundamentais ou “testemunhos”, relacionadas com a crença messiânica. O Talmude Sukka 52b¹⁸ traz a seguinte passagem:

E o Senhor me mostrou quatro chifres (Zac 2.3 [1.18]). O que são esses quatro chifres? R. Hana B. Bizna cita R. Simeon Hasida que responde: O Messias filho de David, o Messias filho de José, Eliahu (Elias) e o Sacerdote Justo. R. Shesheth objetou..., estes quatro personagens estão relacionados com o exílio diaspórico.

Deste modo, esses “quatro artesãos” se referem a: (1) o “Messias filho de Davi”; (2)

¹⁵ KNOHL, *O Messias antes de Jesus*, pp. 28, 31.

¹⁶ MITCHELL, David C. *The fourth deliverer: a Josephite Messiah in 4QTestimonia*, p. 2. Disponível em <http://www.bsw.org/project/biblica/bibl86/Bib86Ani11.pdf> (Acesso em 10 de agosto de 2008).

¹⁷ MITCHELL, *The fourth deliverer*, p. 3

¹⁸ MITCHELL, *The fourth deliverer*, p. 3.

o “Sacerdote Justo”, ou “Melchizedek” (Melquisedeque); (3) Elias; (4) o “Messias da Guerra”, que se refere ao “Messias filho de José”.

Segundo Mitchell¹⁹, de modo surpreendentemente idêntico, o manuscrito de Qumran de 4Q175 (4QTestimonia), traz uma menção dos “Quatro Artesãos” apresentados na mesma ordem: o profeta, o rei, o sacerdote e o guerreiro, como libertadores escatológicos, começando suas correspondentes referências bíblicas: (1) Dt. 18.18-19, que discorre sobre o profeta como Moisés (profeta), (2) Num 24.15-17, que alude a estrela sai de Jacó (rei); (3) Dt. 33.8-11, que menciona a bênção dos Levitas (sacerdote); (4) Josué 6.26, que menciona a maldição de Josué a Jericó, seguido de uma passagem do “Apócrifo Josué”, também chamado de “Salmos de Josué” (4Q379) outro documento encontrado em Qumran.

Comparação entre Os Quatro Artesãos da literatura rabínica e 4Q175

4Q175 (Qumrã)	Profeta	Rei Messias	Sacerdote	Josué, Messias da Guerra (filho de José)
Os Quatro Artesãos da tradição rabínica	Profeta	Rei Messias	Sacerdote	Messias da Guerra filho de José

Diagrama 01: Os Quatro Artesãos & 4Q175

Fonte: Mitchell, *The Fourth Deliverer*, p. 4.

De acordo com Mitchell²⁰, as implicações messiânicas que surgem no quarto depoimento a respeito de Josué não devem ser desprezadas:

Não é clara a razão pela qual a figura Josué tem sido tão esquecido. Todos os quatro testemunhos são idênticas em sua estrutura: a figura do herói, o versículo bíblico e maldição. Se os três primeiros representam libertadores escatológicos, então o caso do quarto deveria ser tomado *a priori* da mesma forma. Isto não apenas explicaria a figura de Josué em si, mas faria sentido em todo o documento em vez de apenas os seus primeiros três quartos. Mas, por algum motivo isso não tem sido sugerido. No entanto, proponho que a interpretar o quarto depoimento de uma forma coerente com os três primeiros é perfeitamente razoável e produz um resultado bastante aceitável, isto é, um

¹⁹ MITCHELL, *The fourth deliverer*, p. 6.

²⁰ MITCHELL, *The fourth deliverer*, pp. 2-3.

Josué escatológico. Esta figura, como o Josué bíblico, seria um conquistador bélico e da ascendência de José e Efraim. Poderíamos com razão chamar-lo de Messias da Guerra ben Efraim ben Joseph (filho de Efraim filho de José) (tradução nossa).

De fato, Josué foi homem de guerra e sucessor de Moisés, da tribo de Efraim, filho de José. Ele é, sem dúvida, o herói do quarto depoimento, assim como Moisés, a Estrela de Jacó, e os Sacerdotes Levita são os heróis dos três primeiros.²¹

Desse modo, Mitchell prova não apenas que a tradição rabínica do Messias filho de Efraim/José é pré-rabínica, como também pode ter influenciado a formação da imagem de culto cristã.

No terceiro dia...

Outra obra que tem muito a contribuir para a confirmação da antiguidade do modelo de messias efraimita é o livro bíblico de Apocalipse de João. Dois personagens desse livro apresentam um paralelo notável, porém quase imperceptível, com o messias filho de José. Tal paralelo pode ser notado se nos atentarmos para um livro apocalíptico medieval chamado “Sefer Zorobabel” (Apocalipse de Zerubabel), escrito em época tardia, mas que ainda preserva vestígios de uma tradição antiga sobre o messias filho de José apresenta uma tradição bastante relevante para o presente estudo.

Sobre esse livro apocalíptico, Scardelai²² faz o seguinte comentário:

Um conto lendário sustenta a crença que se originou da idéia de que de sua morte [do Messias ben José] surgiria também sua missão redentora. O corpo do messias, filho de José, que não teve sepultura, teria sido mostrado publicamente pelas ruas de Jerusalém. [...] Resquícios desse fim trágico estão também presentes no Livro do Apocalipse 11,8: “Seus cadáveres ficarão expostos na praça da Grande Cidade”. Tal semelhança notável levou o erudito D. Flusser a fazer um paralelo entre o Livro do Apocalipse com uma obra apocalíptica medieval, chamada Livro de Zerubabel. Na lenda medieval há referências

²¹ MITCHELL, *The fourth deliverer*, p. 1.

²² SCARDELA, *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus*, p. 78.

acerca do “Messias filho de José cujo cadáver repousaria sem sepultura pelos portões afora de Jerusalém”.

A passagem paralela de Apocalipse de João 11.3-4 traz a figura de dois personagens escatológicos na seguinte narrativa: “[...] Às minhas *duas testemunhas*, porém, permitirei que profetizem, *vestidas de saco*, durante mil duzentos e sessenta dias. Estas são as *duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra*”. O destino dessas duas testemunhas, porém, é trágico:

Quando terminarem seu testemunho, a Besta que sobe do abismo combaterá contra elas, vencê-las-á e as matará. Seus cadáveres ficarão expostos na praça da Grande Cidade, [...]. E homens de todos os povos, raças, línguas e nações vêm seus cadáveres durante três dias e meio, impedindo que sejam postos numa sepultura (Apocalipse 11.7-9).

Esses dois trechos de Apocalipse 11 nos trazem informações importantes. Primeiramente, deve-se notar que a expressão “que estão diante do Senhor de toda a terra” é a mesma usada em Zacarias 4.11-14, há uma alusão às “duas oliveiras à direita do lampadário²³ e à esquerda”, que são descritos como “os dois Ungidos que estão de pé diante do Senhor de toda a terra”. Na terminologia bíblica, “ungido” significa “messias”. Logo, a passagem de Zacarias 4 é uma passagem messiânica, cujas figuras de messias foram usadas pelo autor do livro de Apocalipse de modo reciclado.

Knohl²⁴ faz o seguinte comentário sobre a identidade dos dois ungidos no Livro de Zacarias:

O profeta Zacarias estava aludindo aos dois líderes de sua época, o tempo do retorno a Sião: o Messias régio Zorobabel, filho de Salatiel, e o Messias sacerdotal Jesua (ou Josué), filho de Josedec. Se for este o caso, as duas testemunhas do Apocalipse seriam os dois líderes messiânicos: um Messias régio e um Messias sacerdotal.

²³ Espécie de candelabro ou lustre com várias lâmpadas. Sinônimo de castiçal ou candelabro.

²⁴ KNOHL, *O Messias antes de Jesus*, p. 51.

No entanto, o destino trágico dessas duas testemunhas/messias aponta na direção a outro modelo de messias: o messias efraimita. O insepulto do corpo desses messias constitui-se um notável paralelo entre a tradição efraimita do Apocalipse de Zerubabel e a tradição por trás do livro do Apocalipse 11, principalmente porque não parece existir qualquer traço de dependência literária. Mais difícil ainda é deixarmos de perceber a semelhança que essas narrativas possuem com os acontecimentos que a tradição bíblica atribui a Jesus Cristo.

Isto significa que tanto o livro de Apocalipse de João quanto Apocalipse de Zerubabel tiveram uma fonte em comum, a do messias sendo morto, e que esse fato atesta a antiguidade da crença no messias filho de José.

Convém lembrar que o livro de Apocalipse de João é em sua maior parte uma “reciclagem” de vários conceitos populares judaicos e até mesmo de elementos pré-cristãos.

Existe outro documento antigo, além do livro de Apocalipse de João e do Apocalipse de Zerubabel, que traz essa mesma fonte comum. É o “Oráculo de Histaspes”²⁵, que apresenta detalhes oriundos da mesma fonte que a do Livro de Apocalipse, afirma que o “profeta de Deus” ressuscitará ao terceiro dia: “Ele [o falso profeta, descrito como “Filho de Deus”] [...] lutará contra o profeta de Deus e o vencerá e o matará, e o deixará insepulto; mas depois do terceiro dia ele voltará à vida; e diante dos olhos e do assombro de todos, será elevado ao céu”.

Esse Oráculo, tão antigo quanto o livro de Apocalipse, e que teve como fonte a mesma tradição usada pelo Apocalipse de João, já vinculava não somente a idéia de morte, mas também a idéia de ressurreição ao terceiro dia ao messias.

O Apocalipse de Gabriel: repensando Jesus

Israel Knohl²⁶ propôs a hipótese de que a crença no messias que morre e ressuscita ao terceiro dia era uma representação imaginária bastante comum na Palestina do primeiro século – até mesmo muito tempo antes de Jesus ter nascido.

²⁵ KNOHL, *O Messias antes de Jesus*, p. 50.

²⁶ KNOHL, *O Messias antes de Jesus*, p. 41.

Esta hipótese foi confirmada em julho de 2008, pela descoberta do texto recém publicado chamado “Apocalipse de Gabriel”, em que, de acordo com as restaurações textuais de Israel Knohl e de Ada Yardeni, também traz a idéia do messias ressurrecto. Esse texto data do final do século I a.C., o que significa que se trata de um documento pré-cristão.²⁷

Nas linhas 16-17 há a frase “*Meu servo Davi, peça a Efraim [que ele col]oque o sinal...*”²⁸. Infelizmente, a natureza do sinal não é especificada, mas, segundo Knohl²⁹, parece ser o sinal de salvação. No entanto, o fato de Davi ser enviado por Deus para fazer um pedido a Efraim para colocar o sinal pode atestar que Efraim está em uma posição superior. Ele, e não Davi, é a pessoa-chave que é convidada a colocar o sinal; Davi é apenas o mensageiro.

Na linha 80 desse escrito, Gabriel determina ao “*príncipe dos príncipes*” (o messias) que: “*Depois de três dias, viva (ressuscite)!*”³⁰. Essa passagem - tal como a tradição que serviu de base para Apocalipse de João, cap. 11, como o Apocalipse de Zerubabel, e como o Oráculo de Histaspes – mostra que, em uma época anterior ao cristianismo, existiam expectativas messiânicas ligadas à crença de que o messias morreria e ressuscitaria no terceiro dia.

“Jesus” antes de Jesus

Tais considerações levaram os especialistas a repensarem o que já sabiam sobre Jesus e procurarem sinais em sua tradição literária que constituísse um paralelo entre essas duas concepções. Por exemplo: ao confrontarmos a imagem evangélica de Jesus com a imagem do messias filho de José, surge uma pergunta: Se o modelo de messias “filho de José” influenciou Jesus, não seria muita coincidência que o nome do pai civil de Jesus seja “José”?

De fato. Embora Jesus, como qualquer outro ser humano, tenha realmente tido um pai, é muito provável que a filiação de Jesus a José, o carpinteiro, seja uma “historização” de um título messiânico – o título de messias “filho de José” (o patriarca bíblico). Desse modo, o título messiânico “filho de José”, originalmente usado para designar o modelo de

²⁷ YARDENI, Ada. *Hazom Gavriel in English. The Apocalypse of Gabriel*. Disponível em http://www.bib-arch.org/news/dssinstone_english.pdf (Acesso em 20 de agosto de 2008).

²⁸ YARDENI, *Hazom Gavriel in English*, linhas 16-17, p. 1.

²⁹ KNOHL, Israel. The Messiah son of Joseph: “Gabriel’s Revelation” and the birth of a new messianic model. In: *Biblical Archaeology Review*. Disponível em: <http://www.bib-arch.org/bar/article.asp?PubID=BSBA&Volume=34&Issue=5&ArticleID=14> (Acesso em 05 de janeiro de 2009).

³⁰ YARDENI, *Hazom Gavriel in English*, linha 80, p. 2.

messias que Jesus representava, transformou-se mais tarde no nome de Jesus e no nome de seu pai terreno.

O mesmo questionamento pode-se fazer em relação ao nome “Jesus”. De acordo com o Livro bíblico de Josué, Josué foi a pessoa que cumpriu a profecia de José e de Jacó, feitas no Livro de Gênesis, de que conquistaria a terra de Canaã para os filhos de Israel. Josué (cuja grafia em hebraico é a mesma de Jesus), que foi considerado o sucessor de Moisés e que encabeçou a Conquista de Canaã, pertencia à tribo de Efraim, filho de José.

A proeminência da figura de Josué como um tipo messiânico pode ser deduzida pelo fato de que, na época da dominação romana, boa parte da crença messiânica estava vinculada a ideais de guerra, em que o messias venceria os inimigos de forma belicosa. No imaginário judaico e na tradição bíblica, Josué foi tido como um dos maiores guerreiros da história de Israel, protótipo de qualquer guerreiro que lutasse pela liberdade de Israel. Desse modo, é inevitável que a figura de Josué seja elevada a *status* de messias guerreiro e libertador de Israel.

Flávio Josefo nos oferece um exemplo da aspiração messiânica em torno de Josué quando relata que, durante o reinado de Nero, um autodenominado profeta aparecera no Monte das Oliveiras e previram que, como Josué, ele iria fazer cair às muralhas da cidade em seu comando³¹. Uma vez que o Monte das Oliveiras era reconhecido, de acordo com Zacarias 14.4, como o lugar onde o Messias apareceria, Josefo vê esse profeta como um aspirante messiânico de Josué. Desse modo, temos Josué, além de Davi, Elias, Aarão e Moisés, entre outros, como modelo bíblico de proclamação messiânica.

Na literatura samaritana, no livro denominado livro “Segredos de Moisés” ou “ASATIR”³², o qual foi compilado em torno do final do século III a.C., faz algumas observações sobre os Oráculos de Balaão (Num 10,45 a 24,17), e afirma que:

“Uma estrela procederá de Jacó” - esta refere-se a Finéias, “e um cetro procederá de Israel” - este se refere a Josué (tradução nossa).

³¹ WHISTON, William (trad.). The works of Flavius Josephus. In: *Early Christian writings*. Disponível em <http://www.earlychristianwritings.com/text/josephus/josephus.htm> (Acesso em 01 de setembro de 2008).

³² KRAFT, Robert A. *Was there a “Messiah-Joshua” tradition at the turn of the era?* Disponível em <http://ccat.sas.upenn.edu/gopher/other/journals/kraftpub/Christianity/Joshua> (Acesso de 20 de agosto de 2008).

Na literatura tardia dos samaritanos, Finéias e Josué como figuras escatológicas são substituídos por *Tabab*, o profeta-messias que irá construir o templo no monte Gerizim³³. Sendo que Jesus é procedente da terra imediatamente próxima à Samaria, ou seja, a Galiléia, é possível que sua autoconsciência messiânica girasse em torno das idéias nortistas.

Kraft³⁴ também comenta que uma versão latina de 4 Esdras 7.28f traz a figura do Messias vitorioso denominado “Josué”, o qual morre na transição para o novo mundo e cita uma tradução grega de Habacuque 3.13 que traz: “Tu saís para salvamento do teu povo, *por Josué o teu ungiado*” ao invés de “Tu saís para salvamento do teu povo, *para salvar o teu ungiado*”.

A passagem de Habacuque 3.13 em hebraico traz as seguintes expressões: עֲשֵׂי (*yesha*) וְיִשָּׁע (*mashiyach*). *Yesha* significa “salvação”, enquanto *mashiyach* significa “ungido”. No entanto, a palavra “*yesha*” também pode ser traduzida para “Jesus”, ou “Josué” (עֲשֵׂי = *yeshua* = Jesus/Josué)³⁵.

Os Oráculos Sibilinos 5.256-259³⁶, que data do ano de 140 a.C., traz a seguinte passagem messiânica: “[...] *uma vez que deve vir do céu, um homem de pré-eminente [...] o mais nobre dos Hebreus [...] que em seu tempo fez o sol parar*” (tradução nossa). O único personagem bíblico que fez o sol parar foi Josué, na batalha de Aijalon (Js 10.12-14). Desse modo, esse homem “pré-eminente” configura um novo e escatológico Josué.

Desse modo, também podemos questionar se o *nome* de Jesus de Nazaré não é mais que um *título messiânico*. Crossan³⁷ nos oferece uma luz para essa questão, ao afirmar que a história de Barrabás nos evangelhos bíblicos é simbólica: foi criada porque a multidão de Jerusalém tinha escolhido os salvadores errados, do tipo rebeldes-bandidos (Barrabás), ao invés do salvador correto (Jesus), na guerra contra Roma que começou em 66 d.C. Desse modo, dois “salvadores” se justapunham. Sendo que vários manuscritos gregos de Marcos 15.7 trazem a designação “Jesus” antes de “Barrabás” (literalmente, “Jesus filho do Pai”), é

³³ KRAFT, *Was there a “Messiah-Joshua” tradition at the turn of the era?*

³⁴ KRAFT, *Was there a “Messiah-Joshua” tradition at the turn of the era?*

³⁵ Cf. MENDES, Paulo. *Noções do hebraico bíblico*. Texto programado. São Paulo: Nova Vida, 2000; ALAND, Kurt et al (eds.). *The New Testament Greek*. Third Edition. Stuttgart: United Bible Societies, 1988.

³⁶ KRAFT, *Was there a “Messiah-Joshua” tradition at the turn of the era?*

³⁷ CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 558.

possível que “Jesus” fosse mais que um simples nome, e que originalmente era concebido como uma designação messiânica, já que “Jesus” significa “salvador” = a função do messias.

O messias efraimita na tradição cristã

Além disso, várias das chamadas “profecias messiânicas” atribuídas a Jesus no Novo Testamento fazem mais sentido dentro de um contexto efraimita. Mateus 2.16-18, por exemplo, que relata a matança dos infantes na cidade judaica de Belém, alude uma profecia de Jeremias 31.15, que por sua vez cita o lamento e o choro de Raquel pela morte de filhos, pressupondo que as crianças mortas em Belém eram como se fosse filhas de Raquel (v. 16,17).

No entanto, sabe-se que Raquel foi mãe apenas de José e Benjamim, e que as crianças mortas em Belém, por serem descendentes de Judá e habitarem numa cidade predominantemente judia, não tinham parentesco genealógico com Raquel. De igual modo, o contexto da passagem de Jeremias 31.15 (cf. vv. 6,9,18,20) é todo endereçado a Casa de José, também chamada de Efraim, que havia se separado da Casa de Judá logo após a morte do rei Salomão. O mesmo pode-se dizer sobre “profecias messiânicas” como as de Oséias 6.2; 11.1, Ezequiel 37, etc. – todas atribuídas a Jesus, mas cujo contexto faz referência a Efraim. É provável que a associação dessas profecias a Jesus fosse bastante antiga, de modo que permaneceram mesmo após a identidade efraimita do messianismo de Jesus ter sido suplantada e/ou esquecida.

O Evangelho de João, que traz materiais tradicionais bastante antigos sobre Jesus, muitas vezes faz alusão a uma idéia diferente de messias, que se coaduna muito mais ao modelo messiânico efraimita que ao modelo davídico. Pietrantonio³⁸ apresenta algumas indicações no Evangelho de João da influência do messianismo efraimita:

[...] o EvJn (Evangelho de João] 11,54 relata que Jesus permaneceu três meses, segundo sua cronologia, em uma aldeia chamada *Efraim*. No NT [Novo Testamento] essa é a única vez e o único lugar em que se recorre a esse nome. [...] A razão histórica dada pelo EvJn é que sacerdotes e fariseus (11,47) decidiram matá-lo (11,53). [...] A retirada a Efraim geográfica, na redação do

³⁸ PIETRANTONIO, Ricardo. *El mesías asesinado: el Mesías ben Efraim en el Evangelio de Juan*. Disponível em http://www.revistabiblica.org.ar/articulos/rb44_1.pdf (Acesso em 14 de agosto de 2008).

EvJn, requer uma compreensão teológica, profundamente cristológica, enraizada em uma das expectativas messiânicas daquele tempo, a do *Messias ben/bar Efraim/José*³⁹ (tradução nossa).

O Evangelho de João 11.50 também faz uma alusão explícita à tradição efraimita, quando afirma que o sumo-sacerdote José Caifás profetizou que Jesus deveria morrer “pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos”.

Os “filhos de Deus”, que andam “dispersos” se referem as Doze Tribos dispersas na época do Exílio Babilônico, que ocorreu no século VII a.C. Reunir as doze tribos e as duas casas de Israel, a saber: a Casa de Judá e a Casa de José, era uma das prerrogativas do messias. Historicamente, os descendentes de Efraim, pertencentes à Casa de José, se separaram da Casa de Judá, fundando um reino independente chamado de “Israel”. Estes viviam ao norte, longe do reino de Judá no sul, mas que logo foi destruído pela Assíria (ano de 722 a.C.) e os que restaram foram chamados de “samaritanos”, por causa da antiga capital desse reino, Samaria. Desse modo, Jesus, ao morrer, estaria não apenas cumprindo esperanças judaicas, mas também samaritanas ao reunir as casas de Judá e de José. A alusão à “morrer pela nação... e para reunir em um só corpo os Filhos de Deus” também é significativa, pois possui um significado claramente redentor, e, portanto, um significado “catastroficamente” messiânico.

Outro indício da presença efraimita na tradição antiga de Jesus está na passagem do evangelho de João 7.41,42 que, ao narrar indagações messiânicas sobre Jesus realizadas por alguns indivíduos que pareciam conhecê-lo desde a infância, apresenta a seguinte indagação: “Porventura, o Cristo virá da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?”. Tais indagações eram, de fato, perguntas retóricas: que razão teria o povo para realizar tais perguntas se Jesus tivesse realmente nascido em Belém e fosse da descendência de Davi? A despeito do que dizem os Evangelhos de Mateus e Lucas sobre a genealogia davídica de Jesus, o evangelho de João deixa implícito que Jesus era natural da Galiléia, e não de Belém, e que se silencia diante da tradição que considera Jesus como da descendência de Davi. Por isso, é provável que os

³⁹ Pietrantonio afirma que toda a seção do Evangelho de João 7,1-11,54 pretende mostrar a progressiva auto-revelação messiânica de Jesus na qual a passagem de 11,54 é seu clímax. A partir da estada de Jesus em Efraim é que começam os preparativos para o relato da Paixão e da morte de Jesus.

demais evangelhos tentam apenas adequar, *post hoc*, Jesus ao modelo messiânico davídico, mas que originalmente Jesus fosse concebido como “filho de José”.

Outras passagens dos evangelhos também desafiam a idéia vigente de um messias davídico, deixando transparecer que Jesus não se encaixava dentro desse modelo de messias. De acordo com Knohl⁴⁰, Jesus rejeita a idéia de que o Messias seja filho de Davi, quando afirma que: “Como podem os escribas afirmarem: ‘o Cristo é o filho de Davi’, se Davi chama o messias de filho?” (Marcos 12.35).

Dada a natureza “catastrófica” do messianismo de Jesus, é mais correto afirmar que a figura e missão de Jesus se adequa muito melhor ao modelo de messias efraimita que ao modelo davídico.

A “ressurreição” do messias

A tradição existente por trás do Talmude Babilônico Sukka 52a apresenta paralelo com o Apocalipse de Zerubabel, o Oráculo de Histaspes e o Apocalipse de João, fundamentando bíblicamente o destino trágico do messias sofredor “filho de José” na passagem de Zacarias 12.10, que traz o seguinte texto:

Derramarei sobre a casa de Davi e sobre todo habitante de Jerusalém um espírito da graça e de súplica, e eles *olharão* para mim a respeito daquele que eles *traspassaram*, eles o lamentarão como se fosse a lamentação por um filho único; eles o chorarão como se chora sobre o *primogênito*.

A tradição cristã, desde cedo, se utilizou dessa passagem bíblica como fundamento profético para a morte de Jesus, como atesta o Evangelho de João 19.31-36:

Como era a Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado – porque esse sábado era grande dia! – pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Viram, então, os soldados e foram e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que fora crucificado como ele. Chegando a Jesus e *vendo-o já morto*, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água. [...], pois isso aconteceu para que se

⁴⁰ KNOHL, *The Messiah son of Joseph*, p. 5.

cumprisse a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. *E uma outra Escritura diz ainda: Olharão para aquele que traspassaram.* (grifo nosso).

No entanto, é bastante provável que os antigos judeus e cristãos soubessem a identidade desse “primogênito” por meio das Escrituras hebraicas: “[...] [deu-se o] direito de primogenitura aos *filhos de José*, filho de Israel; [...] Judá suplantou seus irmãos e obteve que um príncipe nascesse dele, mas *o direito de primogenitura pertencia a José*”. (1Crônicas 5.1-2).

Da mesma forma, o profeta Jeremias (31.9) chama “Efraim” (se referindo a um dos dois reinos separados, mas que a literatura rabínica e possivelmente os judeus messiânicos do século I entenderam como uma referência ao messias filho de José) de “primogênito: ‘Em lágrimas voltam, em súplicas eu os trago de volta. Conduzi-los-ei às torrentes de água, por caminho reto, em que não tropeçarão. Porque sou pai para Israel e *Efraim é o meu primogênito*’”.

Sendo que o “primogênito” de Deus são os filhos de José (Efraim), seria óbvio que o Talmude Babilônico Sukka 52a associasse o messias filho de Efraim à passagem de Zacarias 12.10. Os adeptos do messianismo efraimita poderiam entender essa expressão como uma referência ao messias filho de José. Da mesma forma, o cristianismo entendeu essa expressão como uma referência ao messias Jesus Cristo (Hb 1.6; Lc 2.7; Rm 8.29; Cl 1.19).

O fato é que a idéia de primogenitura poderia ser facilmente confundida como um atributo do messias filho de José, sendo que o messias filho de José “viria primeiro” que o messias filho de Davi e, portanto, ser o primogênito. De acordo no Talmude Sukka 52a⁴¹, quando o messias filho de Davi pede o “dom da vida” para que possa ressuscitar o messias filho de José, que foi morto pelas forças de Gogue e Magogue, o messias filho de José é o “primeiro da ressurreição dos mortos”: não somente o messias filho de José é ressuscitado, mas também se realiza a esperança da ressurreição geral de todos os mortos profetizada em Daniel 12.2.

⁴¹ Cf. MITCHELL, Rabbi dosa and the rabbis differ. In: AVERY-PECK, p. 83.

Da mesma forma que Jesus Cristo foi o “primeiro da ressurreição dos mortos” (1Co 15.20; Atos 26.23), o messias filho de José seria o primeiro a ressuscitar no evento da ressurreição geral de todos os mortos justos.

As duas principais passagens das Escrituras hebraicas que justificariam a ressurreição de Jesus, isto é, Oséias 6.2 e Ezequiel 37.1-10, foram escritas em um contexto efraimita: Enquanto a descrição do vale dos ossos secos Ezequiel é metáfora para a reunião das Casas de Judá e de Efraim, a ressurreição “ao terceiro dia” de Oséias 6.2 reflete a união entre Efraim e Judá e a dispersão de Israel, que será restaurada, ou “revigorada” no segundo dia e “ressuscitada” no terceiro dia. Desse modo, a ressurreição do messias de efraim, e provavelmente a ressurreição de Jesus, era um símbolo da “ressurreição” da nação de Israel através da união da Casa de Judá com a Casa de José/Efraim.

Conclusão

Diante dos fatos e indícios apresentados, somos capazes de compreender que não somente a Revelação de Gabriel, mas também o Evangelho de João e outros indícios esparsos na literatura judaica e cristã antiga nos fornecem subsídios para repensarmos uma nova visão a respeito da figura de Jesus e de sua ligação com o judaísmo e o messianismo de sua época, principalmente o messianismo efraimita.

Vimos que a imagem de Jesus foi, de fato, influenciada pela tradição do messias efraimita, apesar de não podermos afirmar com precisão o quanto dessa influência foi deletadas e o quanto ainda persiste na tradição sobre Jesus e nem o quanto essa influência foi apagada pela necessidade de se conceber Jesus como o messias davídico – o messias esperado dos judeus.

Seja como for, esses dados poderão abrir novas possibilidades de leitura e interpretação dos textos bíblicos, da tradição judaica e das origens cristãs, contribuindo, assim, para uma maior compreensão da influência que a figura histórica de Jesus de Nazaré exerceu sobre a mente de seus ouvintes e seguidores, bem como seu real papel no cenário judaico do século I da Era Cristã.

Referências bibliográficas

ADRIANO FILHO, José. Expectativas messiânicas sacerdotais no judaísmo e as origens da cristologia. In: *Oracula* 1.1 (2005).

ALAND, Kurt et al (eds.). *The New Testament Greek*. Third Edition. Stuttgart: United Bible Societies, 1988.

BIBLIA SAGRADA. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/ra/os/1> (Acesso em 25 de dezembro de 2008).

CRAIG, William Lane; EHRMAN, Bart D. *Is there historical evidence for the resurrection of Jesus? A Debate between William Lane Craig and Bart D. Ehrman*. March 28, 2006. Disponível em: <http://www.holycross.edu/departments/crec/website/resurrection-debate-transcript.pdf> (Acesso em: 15 de agosto de 2008).

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2001.

_____. The Messiah son of Joseph: “Gabriel’s Revelation” and the birth of a new messianic model. In: *Biblical Archaeology Review*. Disponível em: <http://www.bib-arch.org/bar/article.asp?PubID=BSBA&Volume=34&Issue=5&ArticleID=14> (Acesso em 05 de janeiro de 2009).

KRAFT, Robert A. *Was there a “Messiah-Joshua” tradition at the turn of the era?* Disponível em <http://ccat.sas.upenn.edu/gopher/other/journals/kraftpub/Christianity/Joshua> (Acesso em 20 de agosto 2008).

MACK, Burton L. *O evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MENDES, Paulo. *Noções do hebraico bíblico*. Texto programado. São Paulo: Nova Vida, 2000.

MITCHELL, David C. Rabbi dosa and the rabbis differ: Messiah ben Joseph in the Babylonian Talmud. In: AVERY-PECK, Alan J. (ed.). *The review of Rabbinic Judaism. ancient, medieval and modern*. Vol. 9. Leiden: Koninklijke Brill, 2006.

_____. *The fourth deliverer: a Josephite Messiah in 4QTestimonia*. Disponível em <http://www.bsw.org/project/biblica/bibl86/Bib86Ani11.pdf> (Acesso em 10 de agosto de 2008).

PIETRANTONIO, Ricardo. *El mesías asesinado. El Mesías ben Efraim en el Evangelio de Juan*. Disponível em http://www.revistabiblica.org.ar/articulos/rb44_1.pdf (Acesso em 14 de agosto de 2008).

PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

SCARDELAI, Donizete. *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros messias*. São Paulo: Paulus, 1998.

TABOR, James D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WHISTON, William (trad.). The works of Flavius Josephus. In: *Early Christian writings*. Disponível em <http://www.earlychristianwritings.com/text/josephus/josephus.htm> (Acesso em 01 de setembro de 2008).

YARDENI, Ada. *Hazom Gavriel in English. The Apocalypse of Gabriel*. Disponível em http://www.bib-arch.org/news/dssinstone_english.pdf (Acesso em 20 de agosto de 2008).